

## APRESENTAÇÃO

Em 1920 nascia, em Tchechelnik (Ucrânia), Clarice Lispector. Filha de um casal de origem judaica, que se vê obrigado a fugir da revolução bolchevique desencadeada em 1917, a então pequena Haia, junto com seus pais e duas irmãs, desembarcaram, em 1922, no porto da cidade de Maceió, no Brasil, país que assumirá como mátria até ao final da sua vida.

Se a vida é um risco e um desafio, a de Clarice foi tudo isso em grau superlativo, tal como a sua obra: desafio às estruturas teóricas que buscam, em certa medida, enquadrar sua literatura; desafio aos leitores, sejam os iniciantes ou os mais experientes, que, de um modo ou outro, são tocados, afectados, provocados pelas temáticas que exploram, de maneira única na literatura brasileira – como em toda a literatura de língua portuguesa –, questões existenciais, no sentido de uma literatura que provoca o pensar em níveis mais profundos e constitutivos de existência, não apenas humana, mas da própria realidade como vida organicamente determinada que, enquanto tal, exige a pergunta pela sua origem e pela sua proveniência para além do humano.

Em confluência com o pensar mais radical que postula a pergunta pelo princípio (*arché*) constitutivo de todo princípio, a obra de Clarice, graças aos seus tons metafísicos, presentes em romances como “Água viva”, “Um sopro de vida” e contos como “O ovo e galinha”, foi interpretada como “estranha”, “hermética” e “esotérica” durante muito tempo. No entanto, hoje estas visões são apenas aspectos da multiplicidade temática que têm permitido análises das mais variadas ordens (filosóficas, religiosas, sociológicas, psicanalíticas, etc.).

Poderia dizer que nesses cem anos ou quase cem, já que Clarice começa a escrever desde muito cedo, antes mesmos dos sete anos, quando escreveu uma estória “que não acabava nunca”, conforme afirma em sua última entrevista a Júlio Lerner, a obra clariciana permanece como mistério, não pelo misterioso que envolve certos temas, mas precisamente por manter o vigor de uma criação literária que transpassa aspectos dos mais banais e cotidianos aos mais importantes e inquietantes da vida humana. Em sua tarefa, tantas vezes confirmada por ela, de escrever como ato de liberdade movido pela liberdade, isto é, pela irreduzibilidade dos acontecimentos à

uma lógica ou controle, Clarice desperta “o mais secreto de si mesma” e, por isso, talvez, continue tocando os seus leitores.

É surpreendente que em 1977, ano da sua morte, Clarice tenha escrito “A hora da estrela”, em que a personagem principal, “Macabéa” – nordestina alagoana, pobre, inocente e anónima – faz da sua existência, no Rio de Janeiro, expressão de um deslocamento existencial que evidencia a sua condição de estar no mundo sendo, contudo, estranha ao mundo. Deslocamento e estranhamento tão característicos da escrita clariciana que nos faz pensar no papel da literatura como um processo de anamnese que traz à memória a condição do humano diante do mistério que é o próprio ato da existência.

Se muitas coisas já foram ditas sobre alguns temas da obra clariciana, não restam dúvidas de que muitas outras ainda permanecem em gestação. Seus romances, contos, crónicas e a recente publicação de suas correspondências formam um tesouro inesgotável que, como é comum a qualquer leitura, pode despertar desprezo ou paixão, mas jamais, neste caso, indiferença.

Este volume, composto por uma dezena de ensaios, de investigadores portugueses e brasileiros, não esgota decerto o muito que ainda há a dizer sobre Clarice, o mundo por ela habitado, o mundo em que, sobretudo, foi inspirada pelo rompimento com o que chamou como “pacto de mediocridade com a vida”, tendo, por entre contradições, medos e afectos, a força da sua solidão.

Ainda assim, acreditamos que este conjunto de ensaios lança uma luz outra sobre a nebulosa da obra de Clarice, sobretudo por terem emergido no âmbito do diálogo entre Filosofia e Literatura, que tanto temos procurado privilegiar no Grupo de Investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”, do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto.

Reúnem-se aqui os textos apresentados no Colóquio internacional “Clarice Lispector: Filosofia e Literatura”, que decorreu na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, por iniciativa do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto (Grupo de Investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”), em parceria com a Universidade Federal de Sergipe (Brasil).

*Celeste Natário e Cícero Cunha Bezerra*